

A adaptação militar da primeira turma feminina no curso de soldados fuzileiros navais da Marinha do Brasil

Geraldo Luciano dos Santos Júnior¹

Maria de Lourdes Salles Monteiro de Paiva dos Santos²

Ana Luiza Bravo e Paiva³

RESUMO

Este trabalho analisou a adaptação militar da primeira turma com participação feminina no curso de soldados fuzileiros navais da Marinha do Brasil. Foram avaliadas a adaptação social, física e ambiental das alunas, além das perspectivas futuras na carreira militar. A metodologia foi qualitativa com análise de dados, utilizando questionários e observações no CIAMPA. Os dados coletados sugerem que a integração foi satisfatória e as mulheres estão preparadas para os desafios militares. Contudo, ainda é essencial promover interação entre os gêneros, adotar práticas de pelotões mistos e implementar

1 Mestre em Ciências da Atividade Física pela Universidade Salgado de Oliveira (2018) e Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (2018). É Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (2008) e Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (2013). Foi professor no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil, no Colégio Militar do Rio de Janeiro, na Escola de Educação Física do Exército, no Colégio Militar do Exército Boliviano (La Paz - Bolívia) e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Atualmente é aluno do Doutorado em Ciências Militares na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

2 Mestre em Ciências Militares pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares (PPGCM) da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). MBA em Gerenciamento de Projetos pela Universidade Estácio de Sá (2015). Professional Coach Certification pela Sociedade Latino Americana de Coaching (SLAC). Professional DiSC Certification pela SLAC (2015). Bacharel em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2013). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco (2004).

3 Doutora em História Comparada - UFRJ, Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011) e Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Foi Professora substituta no curso de Defesa e Gestão Estratégica Internacional (UFRJ) entre 2013 e 2014. No ano de 2014, realizou estágio doutoral no Colégio Interamericano de Defesa da OEA, com ênfase nos estudos sobre segurança hemisférica e modelos organizacionais de defesa. Atualmente, é docente e foi coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

programas de treinamento específicos para diferenças físicas. A saúde feminina deve ser monitorada e a tropa masculina deve ser orientada sobre o trato com mulheres. Além disso, identificou-se que instalações adequadas e estudos aprofundados sobre divisões e limitações nas especialidades são necessários. A pesquisa conclui que a inclusão das mulheres pode aumentar a eficácia operativa das Forças Armadas se bem conduzida.

Palavras-chave: adaptação militar; mulheres nas Forças Armadas; coesão de grupo; desafios físicos; igualdade de gênero.

INTRODUÇÃO

A Marinha do Brasil (MB) tem sido precursora em diversas linhas de inclusão das mulheres nas Forças Armadas brasileiras (Andrade; Peres, 2012). Em 1980, as mulheres foram permitidas por meio da Lei 6807/80 que criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) (Brasil, 1980) para exercer somente atividades técnicas, administrativas e de saúde em Organizações Militares (OM) em terra (Mendes, 2020). Em 1997, por intermédio da Lei 9519/97 (Brasil, 1997), a Marinha ampliou a participação das mulheres ao permitir que elas se tornassem oficiais da reserva em diversas outras áreas.

Em 2012, a Marinha promoveu a médica Dalva Maria Carvalho Mendes ao posto de Contra-Almirante, tornando-a a primeira mulher nos altos cargos militares. A promoção ao Almirantado representou um grande passo na participação feminina dentro das Forças Armadas no cenário brasileiro (Santos, 2014). Em 2014, onze pioneiras tiveram sua admissão na Escola Naval, sendo inicialmente somente para a especialidade de Intendência. Apesar disso, é considerado o grande passo dentro da força naval, visto ser sua escola de formação mais importante e tradicional (MD, 2014). Nesse contexto, a Marinha foi a primeira a admitir mulheres em sua principal escola de formação de oficiais, seguindo a determinação da Lei nº 12.705, sancionada em agosto de 2012 (Brasil, 2012).

Assim, em 2017, as primeiras mulheres eram declaradas Guardas-Marinha, e partiam para a viagem de instrução, embarcadas no Navio-Escola Brasil (Mendes, 2020). Neste mesmo ano, a Lei 13.541, gerou a abertura total às mulheres na Escola Naval, permitindo às mulheres ingressar nos Corpos da Armada e de Fuzileiros Navais, além da Intendência (Mendes, 2020).

Em 2024, a Marinha passa a admitir mulheres de forma inédita no seu Curso de Formação de Soldados Fuzileiros Navais. Neste contexto, um novo desafio se apresenta aos militares, e em especial aos instrutores, do Centro de Instrução Almirante Milcíades Portela Alves (CIAMPA), OM da MB responsável pela formação de Soldados Fuzileiros Navais (FN): a formação das primeiras mulheres soldados FN (MB, 2024).

Essa iniciativa torna a Marinha do Brasil novamente precursora nas Forças Armadas, dessa vez na formação de soldados femininos, a graduação mais baixa entre as praças militares. Atualmente, as mulheres representam pouco mais de 10% do efetivo da Marinha do Brasil, servindo

em diversas funções, incluindo oficiais de navio, pilotos de helicóptero e avião, especialistas em comunicações e eletrônica, médicas, enfermeiras, contadoras e administradoras (Giannini et al., 2017). Agora será a vez de ocuparem os postos mais baixos, o que será decisivo no aumento do efetivo feminino não somente na Marinha, como em todas as Forças Armadas.

Assim, o presente estudo pretende verificar e analisar, aspectos sociais e físicos da formação da primeira turma de FN com participação feminina, e se propõe a responder o seguinte problema: as mulheres se adaptaram militarmente à formação do soldado fuzileiro naval e quais aspectos devem ser observados para a melhor integração feminina nos Corpos de Fuzileiros Navais da MB?

Para viabilizar a consecução do objetivo do estudo, foi realizada uma análise de como se deu a adaptação social, física e militar das mulheres no curso, verificando ainda as possibilidades para as mulheres nas especialidades oferecidas ao Corpo de Praças Fuzileiros Navais (CPFN) e suas perspectivas futuras na carreira militar.

O estudo apresenta sua relevância geral pela importância atual da discussão dos aspectos relativos à igualdade de gênero. A Agenda 2030, denominada “Transformando o nosso mundo”, da Organização das Nações Unidas (ONU) apresenta em seu objetivo de desenvolvimento sustentável número cinco o objetivo de alcançar a igualdade de gênero (ONU, 2015). Ainda na ONU podemos destacar a agenda Mulheres, Paz e Segurança. A sua resolução reconheceu o papel das mulheres em ações relacionadas à paz e à segurança internacionais, bem como o impacto dos conflitos armados sobre mulheres (ONU, 2000; Willet, 2010).

Nesse mesmo contexto, existem em aberto no Supremo Tribunal Federal (STF) Ações Diretas de Inconstitucionalidade (ADI) ajuizadas contra dispositivos legais que limitam o acesso de mulheres a alguns cargos nas Forças Armadas. Entre eles existe aberto o ADI 7501 que pretende que seja garantido na MB o direito isonômico para homens e mulheres nas diversas especialidades (STF, 2023).

Além disso, em 2024 o Governo Federal emitiu o Decreto nº 12.154 (Brasil, 2024) que regulamenta o serviço militar feminino, a ser iniciado de forma voluntária pelas mulheres. Com alistamento previsto para o ano de 2025, as Forças Armadas devem receber como recrutas incorporados a partir de 2026 mulheres que ocuparão os postos mais baixos (soldados), sendo a experiência das FN um importante parâmetro para o futuro não muito distante à realidade das Forças Singulares.

Apesar de haver diversas pesquisas estudando a entrada das mulheres nas especialidades combatentes, ainda existe um ineditismo no Brasil nesse campo de estudos, em especial quando se trata da ocupação feminina dos postos mais baixos da carreira militar. Além disso, o estudo da primeira turma mista de FN abre espaço para estudos longitudinais relativos à formação militar combatente e ao acompanhamento da evolução da carreira feminina dentro das Forças Armadas.

O presente estudo se justifica, portanto, por promover uma pesquisa a respeito de um tema atual e que representa uma grande demanda para a sociedade brasileira, podendo expandir seus efeitos para estudos internacionais do caso. Dito isso, essa investigação preenche uma lacuna que passa a existir nesse momento na produção acadêmica.

FONTES E MÉTODOS

Para atingir os objetivos determinados foi planejada uma metodologia estruturada, com abordagem qualitativa com análise de dados, buscando entregar uma pesquisa descritiva e transversal no tempo, que considerou somente o período de formação da primeira turma com mulheres, ocorrido no primeiro semestre do ano de 2024 no período compreendido entre os dias 19 de fevereiro de 2024 e 05 de julho de 2024, totalizando 19 semanas (Thomas et al, 2012).

Nesse sentido, o curso contou com a matrícula de 660 jovens aprovados no Concurso de Admissão, dos quais 114 eram mulheres. Dessa população, foram respondidos 64 questionários por alunas, que passaram a ser nosso grupo amostral. A participação foi de caráter voluntário. As 64 alunas respondentes possuem idade entre 18 e 21 anos (média de 20,3 anos), com procedência dos mais diversos locais do Brasil. Foram aprovadas em 17% das vagas reservadas para mulheres. Das vagas reservadas às mulheres, 20% eram reservadas para candidatas negras. O concurso foi aplicado no ano anterior e aprovou candidatos para realizar o curso em ambos os semestres, sendo que os melhores classificados realizaram no período em análise.

Para realizar a coleta de dados, foi utilizada a ferramenta Formulários da plataforma Google. Os questionários foram formulados e validados por meio de apreciação de pares e aplicação simulada em uma amostra de conveniência. A aplicação se deu por meios dos dispositivos eletrônicos particulares e o endereço eletrônico para acesso ao questionário

foi enviado pelos instrutores do curso, que enviaram somente para mulheres.

Além da aplicação do questionário, foi realizada uma visita pelos pesquisadores ao CIAMPA, onde foi possível coletar informações sobre a estrutura e funcionamento do curso, bem como para verificar as percepções e relatos de alguns dos instrutores que trabalharam diretamente na formação dos alunos. Além disso, foram disponibilizados documentos e relatórios do presente curso de formação que foram utilizados para complementar os dados obtidos por ocasião da aplicação dos questionários e das percepções captadas por ocasião da visita ao centro de formação.

O tratamento de dados utilizou a ferramenta Microsoft Excel, com a tabulação fornecida pelo próprio aplicativo Formulários. Algumas respostas abertas foram tratadas para propiciar uma facilitação da leitura e entendimento das respostas. As respondentes foram identificadas como F1 até F64. Os documentos e observações foram utilizados de forma complementar aos dados dos questionários.

A análise dos dados foi dividida em quatro campos, sendo: adaptação social; adaptação física; adaptação às atividades e ao ambiente militar; e possibilidades futuras para as mulheres. Para isso foram utilizadas as respostas dos questionários, em conjunto com as percepções das visitas, as documentações e a literatura que aborda o assunto. As conclusões mais relevantes foram compiladas em um quadro que será apresentado ao final da análise.

Quanto à adaptação social, estudos destacaram várias implicações, benefícios, custos e desafios associados à integração de mulheres em papéis de combate. Uma das preocupações segundo Kavanagh e Wenger (2020) é o impacto potencial na coesão da unidade. Em pesquisa com fuzileiros navais americanos eles mostraram que os homens frequentemente temem que a integração de mulheres em papéis de combate possa prejudicar a coesão da unidade e a eficácia operacional.

No entanto, a literatura sugere que o gênero, por si só, não necessariamente prejudica a coesão do grupo, embora qualquer mudança na dinâmica do grupo possa exigir um período de ajuste (Strauss; Hattiangadi, 2012; Kavanagh; Wenger, 2020). Cawkill et al (2009) concluíram que a integração de gênero não compromete significativamente a coesão ou a efetividade operacional, mas a liderança é identificada como um fator crucial que influencia o desempenho da unidade, em vez da composição de gênero da equipe.

Algumas pesquisas trazem conclusões de que é importante que desde os processos formativos dos novos militares que a interação entre os gêneros seja potencializada ao máximo possível (Kavanagh; Wenger, 2020; Santos Júnior, 2018; Strauss; Hattiangadi, 2012). No entanto, a interação deve ser feita com cuidados especiais visto que estudos citam a problemática de abusos e crimes sexuais (Strauss; Hattiangadi, 2012, Breslin et al, 2019, Queiroz, 2019). Strauss e Hattiangadi (2012) mencionam preocupações sobre o aumento do assédio sexual e da agressão sexual em unidades de combate americanas após a presença de mulheres.

Durante pesquisa na Marinha dos Estados Unidos realizada por Kavanagh e Wenger (2020), os resultados encontrados levaram a conclusões sobre a relação social entre homens e mulheres na formação e nas suas tropas. A pesquisa sobre a coesão da unidade sugeriu que a integração nas frações, antes compostas somente por homens, não prejudicou a coesão do grupo, mas a inclusão de indivíduos que, segundo os autores, parecem diferentes pode exigir um período de ajuste e isso deve ser levado em consideração.

Um dos principais argumentos contrários à inserção das mulheres é a preocupação de que possam não atender aos padrões físicos relevantes necessários para posições de combate. Estudos relevantes sobre a força feminina começaram em 1970, e desde então, os hábitos sociais e a expectativa de vida mudaram significativamente (Manno, 2013). Pesquisas indicam que, enquanto as mulheres geralmente superam os homens em resistência, os homens tendem a ter uma vantagem em força, levando a diferenças nas habilidades de carregamento de carga, por exemplo (Kavanagh; Wenger, 2020).

Estudos como o de Fortes et al (2015), que realizaram uma revisão da literatura sobre o tema, destacaram diferenças significativas no desempenho físico entre os gêneros, atribuídas principalmente a características fisiológicas e morfológicas. Em geral, os homens superam as mulheres em força muscular e aptidão cardiovascular, com as mulheres apresentando em média 63,5% da força muscular absoluta dos homens e 30% a menos em consumo máximo de oxigênio.

Manno (2013) verificou que a força muscular das mulheres é de 35 a 40% menor do que a dos homens. No entanto, quando a força é dividida pela massa corporal ou pela massa corporal magra estimada, as diferenças entre os sexos são praticamente nulas. Ele destacou que as mulheres levariam cerca de 80% a mais de tempo que os homens para adquirir força

muscular rapidamente.

Uma análise de dados do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos também revelou que, em testes de levantamento de canhões de munição, os candidatos masculinos superaram suas colegas femininas, com uma média de 92 repetições para homens em comparação com 59,4 para mulheres. Essas diferenças fisiológicas são importantes ao avaliar a capacidade das mulheres em atender aos requisitos físicos exigidos em funções de combate (Breslim et al, 2019).

Alguns estudos já haviam destacado a necessidade de programas de treinamento físico adaptados que levem em conta essas diferenças de gênero (Fleck; Kramer, 2006), especialmente em ambientes militares onde o desempenho físico pode ser considerado fator crítico. Em estudos comparativos sobre as diferenças de desempenhos físicos entre homens e mulheres, Fortes et al (2015) também concluíram no mesmo sentido. Costa et al (2024), observou em um estudo longitudinal com a primeira turma de oficiais combatentes do Exército, uma melhora significativa na média dos índices de composição corporal e da saúde óssea das mulheres após treinamentos físicos militares específicos. A preparação física militar e a alimentação disponibilizada minimizaram os efeitos deletérios da tríade da mulher atleta nas militares estudadas.

Outro aspecto importante a ser observado é relativo a lesões. A taxa de desenvolvimento de força nas mulheres costuma ser mais lenta, o que pode facilitar lesões no joelho, em especial durante a adolescência e juventude (Manno, 2013). As mulheres têm um menor grau de lesão muscular em exercícios aeróbicos em comparação aos homens, o que é atribuído ao efeito do estradiol, que atua como um antioxidante e estabilizador de membrana (Fragala et al, 2011). Além disso, as mulheres têm uma maior incidência de fraturas por estresse, tanto em populações militares quanto atléticas, com taxas de 3% e 9,2%, respectivamente (Wentz et al, 2011). Isso sugere que as diferenças fisiológicas e morfofuncionais entre os sexos influenciam a suscetibilidade a lesões durante atividades físicas.

Para tentar balancear as diferenças na progressão de força, algumas mulheres optam por utilizar suplementos alimentares. Carneiro (2023), verificou a utilização de suplementos por militares que realizavam o curso básico de paraquedistas do Exército Brasileiro. 92,3% disseram estar usando algum tipo de suplemento para melhora do desempenho e, destes, 76,9% alegaram também utilizar visando a prevenção de lesões. Os

principais suplementos utilizados foram a creatina e produtos à base de proteínas.

Outro aspecto importante na inserção feminina é a condição hormonal diferente, que pode afetar as mulheres em funções de combate. As mulheres experimentam flutuações hormonais significativas ao longo do ciclo menstrual, que podem afetar o humor, a cognição e a saúde física. Essas diferenças hormonais influenciam diversos aspectos da saúde e do comportamento (Manno, 2013). Alguns autores apresentaram maneiras de amenizar esses efeitos. O próprio fato de utilizar métodos contraceptivos já altera a carga hormonal do ciclo menstrual e ameniza os efeitos do período pré-menstrual (Giannini et al., 2017; Oliveira, 2019; Ernesto, 2021).

Além dos ciclos hormonais, é importante notar as diferenças e problemas relativos ao sistema urinário feminino. O menor canal da uretra das mulheres, somado a problemas militares como a exposição a locais inóspitos, em conjunto com uma higiene em campanha geralmente limitada, as acaba deixando mais vulneráveis a problemas (Castro, 2019). Peters et al. (2022) conduziram um estudo sobre a necessidade de dispositivos de micção feminina aprimorados, pois as mulheres assumem cada vez mais papéis de combate no exército, especialmente em condições austeras. O estudo avaliou dispositivos de desvio urinário feminino comerciais e os achados sugeriram que, embora esses dispositivos pudessem prevenir infecções do trato urinário, a conscientização e a educação entre os soldados sobre suas vantagens eram insuficientes.

Costa et al. (2024) avaliaram os fatores de risco para tríade da mulher atleta (TMA) na primeira turma de oficiais a ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras. Para isso, os pesquisadores realizaram um estudo longitudinal e observacional, com 24 militares, no primeiro e no último ano de formação militar. Ao final, foi observado que nenhuma participante apresentou risco para baixa disponibilidade energética. No entanto, 24% apresentaram risco para desenvolver comportamentos alimentares restritivos, 45,8% apresentaram transtornos menstruais, 37,5% apresentaram ao menos um episódio de fratura por estresse e 58,3% apresentaram risco moderado para desenvolverem a TMA.

Estudos indicam que as mulheres têm aproximadamente 30% a menos de capacidade aeróbica em comparação com os homens, com tendências semelhantes observadas no desempenho anaeróbico. Essa diferença cai para 20% quando realizados ajustes para considerar composição corporal na diferença de desempenho, mas diferenças

significativas permanecem (Harms, 2006). Além disso, as mulheres podem experimentar maior fadiga muscular periférica durante o exercício, levando a níveis mais baixos de desempenho em tarefas físicas. Isso está relacionado à menor massa muscular e utilização menos eficiente de substratos energéticos do corpo feminino (Smith, 2012).

Com relação à formação militar, Santos Júnior (2018) realizou uma comparação de desempenho escolar na primeira turma feminina na Academia Militar das Agulhas Negras por intermédio das notas e graus obtidos nas disciplinas. Foi verificado que na grande maioria das notas a média das mulheres era maior que a dos homens. A única exceção coube justamente às avaliações das disciplinas de treinamento físico militar (TFM), mostrando um desempenho melhor feminino, mas corroborando com a literatura anterior que apresentou as mulheres com desempenho físico aquém do masculino.

A presença das mulheres nas armas e especialidades base do combate, como a infantaria, é tema de estudos e foco de diversas divergências quando o assunto é inserção das mulheres nas Forças Armadas (Mariotoni, 2021; Strauss; Hattiangadi, 2012; Breslin et al., 2019; Nieto, 2018). Na Academia da Força Aérea (AFA), as mulheres não têm até o momento acesso à Infantaria (FAB, 2024). No Exército não há acesso às especialidades de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia (Santos Júnior, 2018). Estudos como o de Breslin et al. (2019) medindo a capacidade de transporte de canhões e munições por homens e mulheres e o de Mariotoni (2021) sobre a entrada da mulher na infantaria do Exército Brasileiro demonstram uma limitação feminina para essas especialidades.

Uma revisão do Ministério da Defesa Britânico (MOD) publicado em 2014 identificou 21 fatores que influenciam a eficácia no combate, concluindo que apenas um melhoraria com a inclusão de mulheres, enquanto onze seriam afetados negativamente. Esse processo de revisão está em andamento desde 2002, com as descobertas mais recentes sugerindo a necessidade de mais pesquisas antes de quaisquer mudanças de políticas serem feitas nos quadros militares de suas Forças Armadas (Fitriani et al., 2016). Rolluqui et al. (2023) realizaram pesquisa com mulheres que concluíram o Curso de Infantaria do Exército Filipino. Os resultados destacam a resiliência e determinação das mulheres militares em superar desafios significativos durante seu treinamento, enfatizando a necessidade de melhores sistemas de apoio e iniciativas relacionadas à saúde para abordar os desafios únicos enfrentados pelas mulheres

militares.

De acordo com um estudo realizado na Infantaria da Marinha dos Estados Unidos (*Marine Corps Infantry*), existe ainda uma série de desafios significativos em atrair e reter mulheres em ocupações de combate, mesmo quando todas as funções estão abertas para elas. Muitas mulheres não demonstram interesse em funções de combate, o que complica ainda mais a situação da presença feminina nessas especialidades (Kavanach; Wenger, 2020).

Segundo Strauss e Hattiangadi (2012), a presença feminina nas Forças Armadas pode ter um impacto positivo no ambiente de trabalho, embora haja preocupações sobre a coesão da unidade e a eficácia de combate. Em uma pesquisa, 58% dos homens acreditavam que a coesão da unidade pioraria se as mulheres fossem designadas para unidades de combate, enquanto 60% achavam que a eficácia de combate também seria afetada negativamente.

Além disso, a pesquisa indicou que as mulheres expressaram opiniões mais favoráveis sobre a sua inclusão em unidades de combate em comparação com os homens, sugerindo que a presença feminina poderia contribuir para um ambiente de trabalho mais inclusivo. Apesar das preocupações, a análise sugere que, com a gestão e o treinamento adequados, a presença de mulheres em unidades pequenas não prejudica o desempenho (Strauss, Hattiangadi, 2012).

Outro aspecto importante analisado em outros países foi relativo à evasão feminina. Em pesquisa com militares americanas, 29,5% das militares indicaram especificamente como causa para se afastar do Exército questões relacionadas a experiências com discriminação ou preconceito de gênero. Em pesquisa com militares americanas, 36,4% das militares indicaram que experiências ruins com liderança foram a motivação para se afastar do Exército. Nesse contexto de liderança, foram incluídas nas respostas situações como “trabalhar para comandantes tóxicos”, “ter um relacionamento de trabalho ruim com supervisores” e a “homogeneidade dos líderes em altos cargos”.

Outras 36,4% das militares apontaram como causa para se afastar do Exército questões relacionadas aos cuidados com as famílias como maternidade e a relação conjugal (Sullivan; Abbe, 2024). King (2016) também discute as implicações da maternidade e da gravidez para as soldadas, observando que, embora a gravidez possa complicar o serviço militar, ela não deve ser um fator desqualificante.

Fuzileiras navais nos Estados Unidos destacaram que as preocupações sobre as instalações, como as necessidades de higiene, o que sugeria que as mulheres estavam preocupadas com a possibilidade de serem tratadas de forma desigual em relação aos homens, especialmente em relação a questões de privacidade e instalações adequadas. A necessidade de garantir que as instalações atendam às exigências de ambos os gêneros é um aspecto importante a ser considerado sempre que as restrições de gênero são retiradas (Breslin, 2019).

Com relação à presença nas diversas especialidades militares, muitos países para abrir a possibilidade da inserção feminina, sem criar problemas internos de aceitação ou baixar o padrão da performance, tem criado padrões físicos únicos para a ocupação funcional dos cargos. A utilização de padrões físicos neutros em relação ao sexo ou à idade tem sido uma estratégia comum entre alguns países para apoiar a decisão de integração de mulheres nas Forças Armadas. Esses padrões exigem que homens e mulheres atendam a um único critério para qualificação em todas ou na maioria das ocupações. Essa abordagem tem sido considerada eficaz para garantir que todos os candidatos, independentemente do gênero, sejam avaliados de maneira justa e consistente (Kavanagh; Wenger, 2020).

Países como Austrália e Canadá já tem adotado esses padrões físicos neutros⁴ e obtido sucesso, em especial na aceitação dos homens, que passam a ver as mulheres como iguais. Mesmo em países como Israel, que adotam um padrão normatizado para cada sexo em suas admissões gerais, também adotam padrões neutros para algumas ocupações, como é o caso dos militares especializados em Operações Especiais (Sasson-Levy; Amram-Katz, 2007; Jacoby, 2010).

Breslin *et al.* (2019) analisaram esses exames em forças militares de quatro países do mundo: Canadá, Austrália, Israel e Reino Unido. No Canadá as mulheres são autorizadas a servir em todas as ocupações e unidades militares, com padrões físicos definidos de acordo com as demandas das ocupações. Na Austrália foram revogadas políticas de exclusão e implementados padrões de emprego físico neutros em relação ao gênero.

Em Israel as mulheres podem servir em funções não relacionadas

4 Padrões físicos neutros são exigências físicas para ocupar determinado cargo ou função militar que não levam em consideração o gênero, considerando única e exclusivamente as necessidades físicas necessárias para o desempenho funcional ao qual se propõem.

ao combate próximo de forma voluntária. Já no Reino Unido as mulheres são excluídas do combate terrestre próximo, sendo admitidas em funções de apoio, como médicas e logísticas. Os autores, além de verificarem essa possibilidade de neutralidade, também concluíram que a integração feminina é mais bem-sucedida em países que adotaram padrões neutros de exigência física, além de contribuir para a eliminação de políticas de exclusão de gênero (Breslin et al., 2019).

A literatura atual sobre a inserção feminina nas especialidades de combate das forças armadas no mundo nos dá a percepção de que este ainda é um caminho nebuloso, em que diversas experiências e estudos ainda são necessários para um melhor resultado científico que ampare essa mudança em um ambiente que historicamente foi masculino. No Brasil, a caminhada ainda é mais recente e experiências como as vividas nos últimos anos e agora com os soldados FN serão uma ferramenta essencial para se chegar aos resultados necessários para a inserção feminina e a manutenção dos padrões operativos das forças militares.

ANÁLISES E RESULTADOS

Nossa análise terá como dados principais as respostas das primeiras alunas do curso de FN da MB, com o objetivo de verificar possíveis implicações, benefícios e desafios associados à integração de mulheres em papéis de combate. Para isso foram selecionadas variáveis que foram apresentadas por outros autores como desafios para a inserção feminina nas especialidades combatentes. Dessa forma, a análise constituiu-se em verificar a adaptação social (coesão, tratamento, interação e assédio), física (performance física e saúde), ao ambiente militar (desempenho cognitivo e nas atividades militares) e aspectos futuros (perspectivas na carreira e na vida pessoal).

Para verificar a coesão da tropa e o tratamento dispensado entre eles, verificamos como as mulheres visualizam o tratamento entre alunos, de acordo com seu gênero. Na opinião de 65,6% das alunas do CIAMPA, os alunos tratam as mulheres de forma igual ao tratamento que dispensam aos homens, corroborando os argumentos de Kavanagh e Wenger (2020) e Strauss e Hattiangadi (2012) de que a presença feminina não necessariamente prejudica a coesão do grupo. No entanto, 21,9% responderam que os alunos procuram ajudar mais os homens em situação de pressão. É interessante observar uma percepção dessas mulheres

diferente da maior parte das pesquisas com militares em situação de guerra que concluem que homens tendem a procurar ajudar e defender mais as mulheres. Devemos considerar que no nosso caso a situação é de formação e de inserção feminina, o que pode corroborar uma possível tendência de defender o melhor desempenho de seu gênero em função da situação.

Segundo F23, “a grande maioria dos alunos não tem preconceito com nós mulheres e isso ajudou bastante, pois eles acabaram não tendo problemas em ajudar as mulheres em momentos difíceis do curso”. No entanto, F43 justifica sua resposta alegando que “na maioria das vezes dão preferência a beneficiar em instruções os alunos do sexo masculino”. Já F54 alegou que se incomodava quando alguns alunos “cantavam algumas músicas machistas”.

De forma semelhante, também indagamos às alunas sobre qual o comportamento das mulheres em situações de pressão. Nesse caso, 75% das mulheres entenderam que elas mantêm um tratamento isonômico com ambos os sexos, mesmo em situações de estresse. 21,9% já pensam que as mulheres procuram se defender e, nesse sentido, ajudam mais as mulheres quando em situações de pressão. Segundo F11, em razão do ambiente militar já ser predominantemente masculino, as mulheres “não tem problemas com os rapazes e, por isso, não existem motivos para não ajudar eles em momentos difíceis do curso”. No entanto, F33 justifica sua resposta alegando que “há uma maior empatia entre mulheres e outras mulheres”.

O CIAMPA optou em sua primeira edição do curso para turma mista, por ser mais conservador e não realizar a total interação dos gêneros, como propõem Kavanagh e Wenger (2020), Santos Júnior (2018) e Strauss e Hattiangadi (2012). Por outro lado, o centro de formação militar buscou priorizar a segurança das mulheres em relação a atos de abuso e realizar maiores interações entre os gêneros em momentos futuros mais oportunos. A decisão é facilmente compreendida ao verificar a problemática de abusos e crimes sexuais e seu aumento quando da inserção feminina em organizações militares norte-americanas (Strauss; Hattiangadi, 2012, Breslin et al., 2019, Queiroz, 2019).

Nesse contexto, foi possível observar durante a visita a estruturação realizada pelo CIAMPA para evitar qualquer problema dessa espécie. As mulheres foram concentradas no pavilhão mais central, sendo de fácil visão da maioria dos demais pavilhões e setores, inclusive

o de comando. Ainda foi possível perceber uma concentração maior de câmeras de segurança no seu entorno, bem como uma necessidade de identificação biométrica para entrar nos alojamentos e seções femininas, demonstrando um total zelo com algo sensível e que poderia se tornar um grande problema, caso não fossem tomadas medidas eficientes de controle. Foi também relatada e apresentada no calendário do curso a previsão de palestras de conscientização e de preparação psicológica e disciplinar para a recepção das mulheres como alunas. Esse modelo de atenção à problemática do assédio, rendeu em um primeiro momento bons resultados.

No questionário, a opinião de 81% das respondentes foi ao encontro da apontada pela literatura, opinando que seria interessante um curso com uma dinâmica de maior integração entre homens e mulheres. Por muito tempo, vários países adotaram em suas Forças Armadas Corpos Femininos que se compunham, treinavam e se mantinham de forma isolada dos homens, em batalhões específicos de mulheres. Isso foi evoluindo ao longo do tempo e atualmente existe uma integração que tem se mostrado extremamente eficiente para as capacidades e possibilidades das tropas, seja em tempo de paz ou em combate. Para F33 “o departamento de instrução misto desde o início da turma já melhoraria a integração de ambos os sexos nos quartéis”. Por ser ainda o primeiro ano com a presença feminina, as conclusões de Kavanagh e Wenger (2020) de que a inserção feminina pode exigir um período de ajuste e isso foi levado em consideração pelo comando do CIAMPA.

Dentro dos aspectos sociais, a oportunidade de melhoria visualizada no estudo seria o aumento da interação entre os gêneros durante todo o curso. No entanto, faz-se necessária uma preparação para que não se perca a qualidade alcançada pelo CIAMPA na promoção do combate ao assédio. A integração e promoção da segurança das mulheres contra abusos são duas vertentes concorrentes, e parece ser bastante pertinente iniciar com um maior foco na vertente de segurança das mulheres, para depois, com o tempo, iniciar uma maior promoção da integração, com o objetivo final de uma formação de forma homogênea e única para todos, independentemente do sexo.

Quando entramos na análise da adaptação física, começamos considerando as diferenças já encontradas por Manno (2013), Kavanagh e Wenger (2020), Fortes *et al.* (2015) e Santos Júnior (2018). Por meio dos questionários foram verificados quais testes físicos causaram maiores

dificuldades às alunas. Assim, duas atividades foram identificadas como grandes desafios. Com 43,8% das respostas, tanto a flexão na barra fixa, como a corrida, se mostraram ser as grandes dificuldades para as mulheres nos testes físicos. A flexão na barra fixa é um dos exercícios que os estudos do tema apresentam como grande desafio para as mulheres. Em geral, mulheres possuem uma diferença significativa de força, mas em especial nos membros superiores. Apesar disso, nenhuma respondente optou pela flexão no solo como maior dificuldade. A natação também apareceu como a maior dificuldade para 3% das respondentes nos testes físicos, mesmo não sendo uma opção.

Além dos testes físicos existem ainda tarefas físicas funcionais que compõem a grade curricular do curso, sendo as mais importantes, segundo os instrutores, a pista de cabos, a pista de obstáculos, a pista de manobrabilidade, a marcha e as tarefas de natação. Como principal dificuldade apresentada pelas mulheres aparece com 50% das respostas a pista de obstáculos. Os obstáculos, em geral, apresentam uma necessidade de uso da força dos braços e do “core” (região de grupos musculares que garantem a estabilidade corporal e do tronco), regiões em que os homens possuem maior facilidade de desenvolvimento por meio do treinamento. Esse achado corrobora com Breslim et al. (2019).

Outro ponto que chama a atenção é o fato de 34,4% das alunas terem destacado os exercícios de marcha como maior dificuldade dentre as tarefas físicas. Além disso, a natação foi eleita por 15,6% das respondentes como a tarefa de mais difícil execução. Apesar de no alto rendimento as mulheres conseguirem se aproximar dos resultados masculinos quando consideradas provas de longa distância de natação, essa parece ser uma dificuldade individual em cursos militares, que, de forma geral, afeta homens e mulheres. Por isso, independente do sexo, é normalmente foco de turmas selecionadas para recuperação de rendimento, conforme relatado por instrutores do CIAMPA. No caso das mulheres, o espaço pélvico mais avantajado e o maior percentual de gordura geralmente encontrados, podem ser aproveitados nas atividades na água, em especial nas que envolvem flutuabilidade. Programas específicos para as mulheres, conforme sugerido por Fleck e Kramer (2006), Fortes et al. (2015) e Costa et al. (2024), podem ser uma boa proposta de solução.

Outro importante fato a ser acompanhado ao se estudar a adaptação física é a situação de lesões e problemas de saúde. 78,1% do grupo amostral relatou ter tido enfermidades gerais, algo comum em

situações de internato e de esforço intenso. A lesão de membros inferiores, como estiramentos musculares dos músculos femorais e do gastrocnêmio, afetou 43,8% das mulheres corroborando os achados de Manno (2013) e Wentz et al. (2011). Os cuidados devem ser dados especialmente em exercícios anaeróbicos, visto que em aeróbicos as mulheres podem ter até menos lesões conforme concluiu Fragala et al. (2011).

O problema que mais chama a atenção nesse estudo é a infecção urinária. Problema mais incomum em homens, teve um índice de 21,9% nas mulheres corroborando os achados de Castro (2019). A utilização de dispositivos de micção feminina aprimorados e a conscientização podem ser medidas para amenizar esse problema segundo Peters et al. (2022).

Além das lesões, a utilização de suplementos pode indicar algumas necessidades alimentares relacionadas ao esforço do curso. Os suplementos alimentares são consumidos com o objetivo de promover benefícios para o corpo humano, auxiliando no desempenho e na recuperação muscular após exercícios físicos. 60% das alunas não tomaram qualquer tipo de suplemento, enquanto 34% fizeram uso de produtos de suplementação alimentar, sendo que parte não conseguiu definir os efeitos e a existência de eficácia em sua utilização. 6% das respondentes estão analisando uma possível utilização futura dos produtos. Os principais produtos citados pelas alunas como utilizados são polivitamínicos e creatina, o que traz semelhanças ao estudo de Carneiro (2023).

Foi verificada com as alunas a percepção do quanto o ciclo menstrual e seus efeitos influenciaram seus desempenhos durante o curso. Para 84,4% delas, esses efeitos influenciaram seus desempenhos em determinados momentos da formação. Somente 15,6% não acreditam ter sofrido efeitos no desempenho decorrentes do ciclo menstrual. Isso corrobora a necessidade de métodos que amenizem tais problemas como os sugeridos por Ernesto (2021), Oliveira (2019), Giannini et al. (2017) e Manno (2013). Em nosso questionário essa pergunta foi a que teve um maior retorno de observações das alunas.

Segundo F3 os efeitos “causaram fraqueza” na execução de tarefas. Para F24 durante o ciclo menstrual “ficamos mais inchadas e consequentemente mais cansadas”. F14 também destacou em sua resposta que “dependendo do momento do ciclo, a menstruação pode afetar a força e a disposição”. Para F61 os efeitos notados por ela foram “indisposição, fadiga e dores”. F11 destacou que “existem casos em que as mulheres ficam fracas durante o período menstrual e isso atrapalha o desempenho

físico”. F23 alegou que nesses períodos “tinha fortes dores abdominais”. F56 relatou que “além da fraqueza e dor intensa causada, chegava ao ponto de não conseguir realizar alguns exercícios”. Para F7 sintomas sentidos como “queda de pressão, falta de força e cólica” foram fatores que causam dificuldades para as mulheres. F12 destacou que além do “excesso de cólica, havia incômodo com a aparição de corrimentos, dependendo do tipo de missão” em que estavam submetidas. Para F55 os efeitos “atrapalham no emocional e no físico por conta das fases do ciclo menstrual”. Para F47 a disposição era por vezes afetada, relatando que “dependendo do momento do ciclo, a menstruação pode afetar a força e a disposição”. F19 observou que “dependendo dos sintomas que cada mulher sente nesse período como por exemplo lidar com fortes cólicas, enxaquecas e até o fato de se sentir mais fraca nesse período pode afetar em parte o seu desempenho físico”.

Em resumo, quatro aspectos foram sinalizados pelas alunas como os efeitos hormonais femininos poderiam interferir em seus rendimentos: dores abdominais, fraqueza, incômodo e constrangimento causado pelos corrimentos e efeitos emocionais, em especial no período pré-menstrual. O fato de existir métodos para amenizar tais efeitos revela a importância de existirem especialistas nos estabelecimentos de ensino que recebem mulheres, em especial nessa faixa etária do grupo amostral, para realizar um acompanhamento, tanto dos alunos como das alunas, buscando orientar as melhores maneiras de mitigar tais efeitos e, por consequência, estabelecer melhores resultados no rendimento escolar da formação militar.

Além disso, o acompanhamento médico e especializado também poderá ter como objetivo a diminuição de lesões e outras enfermidades e a possível orientação quanto ao uso de suplementos alimentares ou outras técnicas para abrandar as intempéries e exigências maiores inerentes aos cursos de formação militar. Protocolos para a prevenção de lesões no joelho, como o estudado por Manno (2013) foram desenvolvidos por intermédio da melhoria das habilidades de aterrissagem e agachamento, além do treinamento de força, podem ser uma solução para desequilíbrios entre flexores e extensores e diminuir as diferenças de risco de lesão entre os sexos.

Por fim, a presença de uma seção de educação física no CIAMPA com militares especializados parece já ter auxiliado nas superações de deficiências físicas das alunas. Estudos já revelaram que o treinamento físico específico e elaborado de forma metodológica pode reduzir

significativamente as diferenças físicas e fisiológicas entre homens e mulheres, além de fornecer às mulheres as capacidades físicas necessárias ao efetivo cumprimento de tarefas essencialmente militares. É importante destacar que estudos sobre problemas específicos se fazem necessários, em especial nas próximas turmas, de forma a aprimorar ao longo do tempo os métodos específicos de treinamento físico para as tarefas inerentes do curso de soldados FN.

As atividades militares são atividades diferenciadas e que acabam gerando um novo grupo cultural, baseado em crenças e comportamentos próprios (Santos Júnior, 2018). Neste contexto, os exercícios em campanha, conhecidos popularmente entre militares como “campo”, são momentos que tentam representar para os alunos algo mais próximo do que estão sendo preparados: a guerra. Por meio das respostas das alunas, percebe-se que a principal dificuldade para elas nos exercícios militares foi o peso do equipamento e do armamento, com 59,4% das respostas apresentadas. Outras 25% colocaram os desgastes físicos no campo como principal dificuldade. Esses resultados corroboram a literatura que apresenta de forma geral as mulheres com uma capacidade de força menor que a do homem (Fleck; Kraemer, 2006; Manno, 2013; Kavanagh; Fortes et al., 2015; IPCFEX, 2016; Santos Júnior, 2018; Wenger, 2020). Além disso, a ergonomia dos equipamentos que são, em geral, produzidos e adaptados para corpos masculinos pode dificultar o seu transporte por mulheres em determinadas situações ou mesmo em períodos prolongados de operação no terreno. No entanto, é importante observar que existem hoje soluções paliativas para essas dificuldades, seja com treinamentos específicos para um aumento da capacidade física das mulheres nos pontos em que apresentam diferenças para homens, bem como a produção de equipamentos militares com moldação adaptada para o corpo feminino, em especial para o tronco e para o quadril, onde as diferenças costumam ser mais proeminentes.

Também foram citadas como respostas, mas em proporções menores, os problemas com sono, que acabam sendo comuns também entre os homens, e o desgaste emocional, inerente de exercícios militares ou operações de combate.

Outro momento importante na vida militar são os serviços de escala interna. Eles são inerentes à carreira militar em razão da prontidão em que as forças militares devem sempre apresentar. Nesse sentido, diariamente milhares de militares enfrentam uma rotina de trabalho que acaba extrapolando e se diferenciando da rotina trabalhista comum

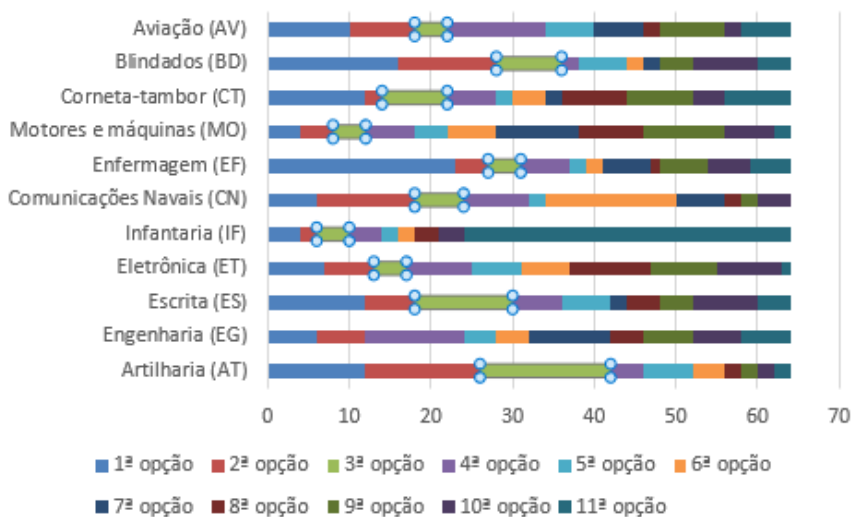
da população civil. Neste sentido, esses serviços acabam gerando desgastes físicos e emocionais. Na opinião das alunas os problemas com sono foram o grande desafio enfrentando, sendo a opinião de 87,5% das alunas. O restante das respondentes destacou o peso do equipamento e do armamento como principal dificuldade.

Os cursos de formação militares apresentam ainda outras diversas atividades que exigem não somente uma dedicação de estudos, de forma semelhantes a outras instituições de ensino civis como universidades, como também outras atividades que são levadas a cabo em um regime de internato. Dentre essas diversas atividades, características da profissão militar, foram indagados quem apresenta melhor desempenho em cada uma delas. Na opinião das alunas nos quesitos estudos e avaliações, no comportamento e no comprometimento e dedicação as mulheres apresentaram melhores resultados, corroborando com os achados de Santos Júnior (2018). No que tange ao serviço de escala, ao cumprimento de missões, aos exercícios de tiro e aos exercícios no terreno, as mulheres entendem na média que a performance de homens e mulheres é a mesma. Já no treinamento físico militar e no desenvolvimento físico as alunas declaram em sua maioria que a execução masculina é superior. De uma forma geral, as mulheres se veem com desempenho melhor na maioria das áreas, em especial nas áreas cognitivas.

Partindo agora para uma análise das possibilidades futuras, foi verificado junto às respondentes quais seriam suas opções para as escolhas de especialidade, que é eleita somente por ocasião do curso de Cabos que ocorre, normalmente, três anos após a formação de soldado FN. Os fuzileiros navais na Marinha do Brasil, no âmbito das Praças, contam com as seguintes opções: Aviação (AV), Blindados (BD), Corneta-tambor (CT), Motores e Máquinas (MO), Enfermagem (EF), Comunicações Navais (CN), Infantaria (IF), Eletrônica (ET), Escrita (ES), Engenharia (EG) e Artilharia (AT).

Figura 1 apresenta de forma gráfica a primeira até a décima primeira escolha das alunas. Nele é possível perceber algumas peculiaridades. O que mais se destaca no gráfico é a classificação da Infantaria como última opção para a maioria absoluta das mulheres. Isso mostra que as próprias mulheres preferem se manter fora das especialidades que combatem nas linhas de frente e tendem a ter um desgaste físico naturalmente maior que nas demais especialidades.

FIGURA 1. Opção de especialidade pretendida pelas mulheres



Fonte: elaborado pelos autores

Observando ainda a figura, é possível notar que a especialidade de Enfermagem é a que mais aparece como primeira escolha, seguida da de Blindados. Em uma média populacional, as mulheres possuem uma estatura menor que os homens, o que pode acabar ajudando no trabalho com veículos blindados, enquanto soldados muito altos podem ter mais dificuldade para entrar e permanecer dentro deles. É interessante ainda observar que juntando a primeira e a segunda opção, a especialidade de Blindados passa a aparecer como segunda mais pleiteada pelas alunas. Outra especialidade com interessantes achados é a Artilharia. Apesar dos achados de Breslin et al. (2019), a Artilharia passa a aparecer como opção mais solicitada quando consideramos as três primeiras opções das fuzileiras.

É importante salientar que entre as especialidades de que os FN dispõem, a Marinha do Brasil ainda não definiu se todas serão abertas para o público feminino. Atualmente, no Exército Brasileiro, algumas especialidades de combate como Infantaria, Artilharia, Cavalaria e Engenharia ainda são restritas aos homens (Santos Júnior, 2018). A Força Aérea Brasileira também apresenta até esse momento restrições na especialidade de Infantaria.

Em consonância com a resposta anterior, verificamos com as

alunas se alguma das especialidades não deveria ser disponibilizada para as mulheres. Os resultados apresentam que a grande maioria, 81,3%, entende que as mulheres não devem ter nenhuma restrição na sua escolha. Por outro lado, quase 20% das mulheres têm uma visão de que elas não deveriam poder optar pela especialidade de Infantaria. Isso corrobora estudos como o de Kavanach e Wenger (2020) e de Mariotoni (2021).

Com a entrada das mulheres nas Forças Armadas em diversos países do mundo, inclusive no Brasil, alguns estudos passaram a destacar os benefícios dessa incorporação para as instituições militares. Nesse contexto, verificamos que, na opinião de 84,4% das alunas, a diversificação de habilidades e perspectivas será um dos ganhos para as forças militares, podendo trazer novas capacidades e percepções de mundo. A possibilidade de aumento da eficácia operativa é opinião de 68,8%. Cerca de 50% das mulheres também têm uma percepção de benefícios na construção social, entendendo que o aumento das mulheres nas Forças Armadas pode conscientizar a sociedade em relação aos desafios enfrentados pelas mulheres em profissões tradicionalmente masculinas. 43% das respondentes acreditam que ocorrerá uma melhoria no ambiente de trabalho, corroborando os achados de Strauss e Hattiangadi (2012).

Por outro lado, quando procuramos entender possíveis desafios que essas FN encontrarão na tropa, 62,5% das alunas acreditam que sofreram determinadas distinções na tropa pelo simples fato de serem mulheres. Essa concepção cultural tem, possivelmente, grande efeito por consequência do formato das relações interpessoais dos locais onde viveram até a decisão da carreira militar. 56,3% acreditam que as mulheres terão problemas com as instalações das OM que irão após a formação. 43,8% afirmam que poderão sofrer assédio quando chegarem às suas novas OM. 34,4% acreditam que serão excluídas de determinadas missões operativas. Para 21,9% das respondentes poderá haver indisciplina de subordinados. Apenas 3,1% não acreditam que as mulheres sofrerão quaisquer tipos de problemas.

As instalações do CIAMPA foram devidamente preparadas e escolhidas pelo comando do estabelecimento de ensino de forma criteriosa, com a reforma das áreas de alojamento e em especial dos banheiros. Apesar disso, as alunas preveem dificuldades nas instalações das futuras OM, visto que são em sua maioria adaptadas para o sexo masculino. A aluna F13 justificou sua resposta argumentando que “existem pessoas que ainda não aceitam as Fuzileiras Navais Femininas no Corpo de Fuzileiros Navais

e isso pode dificultar o caminho para as mulheres quando chegarem na tropa”. Para F45 os comandantes e superiores podem minimizar esses problemas na tropa “promovendo palestras de conscientização sobre a incorporação das mulheres no CFN, preparando as unidades e a tripulação para a nova realidade e sancionar severamente desvios de condutas”. Para F34 os problemas podem ser evitados “começando com o tratamento sem diferença de gênero”. Além disso, F46 destaca a necessidade de “respeitar a posição das mulheres em qualquer situação”.

Alguns exércitos já utilizam em sua seleção de recursos humanos, bem como na divisão de especialidades e áreas de atuação, testes físicos padronizados relativos às tarefas específicas de cada área de atuação militar (Kavanagh; Wenger, 2020; Breslin et al., 2019; Jacoby, 2010; Sasson-Levy; Amram-Katz, 2007). O Brasil, em geral, adota parâmetros diferenciados para homens e mulheres. Para 50% das respondentes deveriam existir exames específicos para a escolha de cada especialidade.

Outro aspecto que ainda tem grande prevalência na cultura da sociedade brasileira é a concepção da mulher como “dona do lar”. As mulheres, em geral, possuem uma atribuição de responsabilidades com relação à família. Em especial, por seu papel na reprodução, as mulheres recebem as responsabilidades sobre a criação e proteção dos filhos como em uma continuação da história antiga. 34,4% das alunas consideram que em algum momento de sua carreira a família passará a ser sua prioridade. Esse dilema é vivido por mulheres nas Forças Armadas que em determinados momentos da carreira precisam optar por manter-se com a dedicação ao aperfeiçoamento e dedicação técnico-profissional ou iniciar a formação de uma família que parte de uma decisão de ter filhos, trazendo com isso uma série de responsabilidades que culturalmente recaem sobre a figura materna. 15,6% das respondentes veem, ao menos neste momento, a carreira como prioridade absoluta, enquanto 50% das mulheres alegam ainda não ter certeza ainda de como pretendem gerir essa situação.

Em outro questionamento, somente 6,3% das mulheres acreditam que os desafios familiares são similares para mulheres e homens. A própria tradição cultural acaba jogando um peso maior na responsabilidade feminina sobre os cuidados gerais da família, gerando uma sociedade que a tarefa de cuidar da família seria quase que única das mulheres. Essa inclusive é a percepção de 53,1% das respondentes da pesquisa. Ainda 40,6% veem que mulheres mães dentro das Forças Armadas podem sofrer estigmas que podem prejudicar sua socialização no ambiente militar ou

mesmo prejudicar o andamento de suas carreiras.

Essa breve análise dos dados abre caminho para uma nova série de pesquisas que serão importantes para confirmar ou refutar os achados aqui encontrados, de forma a melhor ajudar no planejamento de políticas públicas e de regramentos militares que visem não somente a inclusão, mas a manutenção da eficiência operativa de nossas tropas de defesa.

QUADRO 1. Aspectos da adaptação feminina e suas análises iniciais

Aspecto	Análises iniciais
Social	<i>As mulheres se adaptaram bem socialmente ao curso, porém faz-se necessária uma maior interação. Uma boa prática de outros países é constituir pelotões e salas de aula mistas, e uma aplicação de cobranças isonômicas independente de gênero.</i>
	<i>Buscar primar na manutenção dos bons resultados alcançados no controle do assédio.</i>
Física	<i>Preparar programas de treinamento específicos para diminuir as diferenças físicas femininas, em especial em suas dificuldades na transposição da pista de obstáculos e na execução da corrida e da flexão na barra fixa, além de evitar lesões.</i>
	<i>Realizar acompanhamento médico especializado visando o controle nutricional e relacionado à saúde feminina.</i>
Ambiente militar	<i>Aperfeiçoar os equipamentos militares para que melhor se encaixem ao corpo feminino.</i>
	<i>Procurar aproveitar bem as mulheres na tropa por suas capacidades cognitivas bem desenvolvidas.</i>
Aspectos futuros	<i>Realizar estudos aprofundados para verificar as melhores divisões e/ou limitações das especialidades para homens e mulheres.</i>
	<i>Procurar orientar a tropa masculina quanto ao trato com a militar mulher e preparar as instalações da melhor maneira possível.</i>
	<i>Estudar programas de testes e atividades com padrões físicos neutros.</i>
	<i>Orientar as alunas a respeito do gerenciamento de uma família.</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo analisar a adaptação militar da primeira turma feminina de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil. Quanto a adaptação social feminina da primeira turma de FN, a integração

das mulheres no curso foi, em geral, positiva. O CIAMPA parece ter bem controlado os riscos de assédio relatados por outros países e instituições, ao mesmo tempo em que de forma tímida incorporou as mulheres aos quadros de fuzileiros navais. Existem ainda limitações relativas à integração feminina, podendo ser aperfeiçoada com a construção de pelotões mistos e realização de atividades de maneira conjunta independente do gênero desde o início do curso.

Com relação à adaptação física, as mulheres conseguiram atingir os objetivos impostos pelo estabelecimento de ensino. Os resultados destacaram ainda a existência de desafios físicos significativos enfrentados pelas mulheres, especialmente em exercícios que exigem força física, como flexões na barra fixa e pista de obstáculos. A problemática de lesões e problemas de saúde não apresentaram diferenças significativas para os homens, exceto alguns relacionados a infecção no trato urinário, indicando uma necessidade de medidas de higiene aprimoradas. Algumas oportunidades de melhoria são a aplicação de treinamentos específicos voltados às deficiências femininas em relação aos homens. Outra boa prática é o acompanhamento de especialistas em nutrição e endocrinologia que possam orientar as alunas quanto a real necessidade de utilização de alimentação suplementar e aprimorar o controle das flutuações hormonais, e dos sintomas de fadiga e dor relatados.

Com relação à adaptação ao ambiente militar, as mulheres parecem estar bem ajustadas à carreira que as espera. A presença de mulheres no meio militar foi vista como benéfica para diversificar habilidades e perspectivas. As qualidades cognitivas apresentadas sugerem uma qualidade de recursos humanos que podem de alguma forma contribuir para a melhoria contínua da instituição. Atenção deve ser dada aos equipamentos militares e as instalações de forma a proporcionar um ajuste às necessidades femininas, em especial nos corpos de tropa.

Ao analisar as possibilidades futuras, podemos já verificar que uma importante linha de estudos para a Marinha será a definição das especialidades que serão oferecidas às mulheres. Um significativo 81,3% acreditam que não deve haver restrições nas escolhas de especialidades das mulheres. Algumas especialidades como a Infantaria já apresentam uma certa repulsa pela maior parte do público feminino, optando a maioria por papéis fora do combate direto, sendo a enfermagem a escolha mais popular. Os estudos de programas comuns para testes e atividades físicas podem ser um caminho a ser seguido nessa decisão, visto que já

foram incorporados por tropas de fuzileiros navais de outras nações.

Além disso, o gerenciamento da família deve ser uma preocupação. As incertezas relativas à priorização da família, da maternidade, e das responsabilidades culturais que fazem as responsabilidades do lar recaírem sobre as mulheres, devem ser bem trabalhadas e, se possível, orientadas por pessoal especializado. Além disso, trabalhos de orientação aos homens como os realizados no CIAMPA sobre o trato com as mulheres e a prevenção de assédios devem ser fomentados nas OM para evitar esse tipo de problemática.

O trabalho teve sua relevância por se tratar da primeira turma mista a ser formada no curso de soldados Fuzileiros Navais. Nesse sentido, sugere-se a continuidade dos estudos de acompanhamento dessa inserção feminina, ao mesmo tempo em que se verifica a chegada dessas mulheres às OM do CPFN.

Este trabalho teve como limitação a aplicação dos questionários somente no público feminino, de forma que a opinião masculina acabou não sendo apresentada neste estudo. Assim que se sugere que em novos estudos similares a este sejam também incluídos os homens como respondentes da pesquisa.

As análises realizadas por este trabalho podem ser tratadas como iniciais, tendo em vista ser a primeira turma mista de soldados fuzileiros navais. Dessa forma, serão necessários outros estudos longitudinais que possam complementar essa primeira pesquisa. Este trabalho poderá ser utilizado como fonte de estudo para pesquisadores da área e como uma primeira produção de conhecimento que poderá ser utilizada pelas instituições, em especial a Marinha do Brasil, para a melhoria contínua da formação das mulheres combatentes. É recomendada uma análise adicional para entender completamente os impactos potenciais de quaisquer mudanças no Corpo de Fuzileiros Navais e em seu pessoal.

É fundamental que o processo de integração das mulheres em funções de combate seja conduzido de maneira gradual e metódica. A experiência adquirida em outros países, juntamente com a coleta sistemática de dados anuais e das atividades desenvolvidas por mulheres em funções de combate, pode servir como base para garantir que essa inserção ocorra de forma bem-sucedida.

Portanto, a implementação de políticas que permitam a participação das mulheres em funções de combate deve ser cuidadosamente planejada, levando em consideração as lições aprendidas de outras forças armadas

e as especificidades do contexto militar brasileiro. Assim, a inclusão das mulheres nas fileiras de combate não apenas representa um avanço em termos de igualdade de gênero, mas também pode resultar em um aumento na eficácia operativa das Forças Armadas se bem conduzida.

The military adaptation of the first female class in the Brazilian Navy Marine Corps soldier course

ABSTRACT

This work analyzed the military adaptation of the first class with female participation in the Marine Riflemen course of the Brazilian Navy. The areas of analysis included the social, physical, and environmental adaptation of the female students, as well as prospects for women in the military career. The methodology was qualitative with data analysis, using structured questionnaires and observations at CIAMPA. The data collected suggested that the integration was satisfactory and that the women were prepared for the military challenges. Promoting interaction between genders, adopting mixed platoon practices, and implementing specific training programs to address physical differences is essential. Female health must be monitored, and the male troops must be guided on how to treat women. Aside from that, we have identified that adequate facilities and in-depth studies on divisions and limitations in specialties are still necessary. This research concluded that including women can increase the operational effectiveness of the Armed Forces if well conducted.

Keywords: military adaptation; women in the Armed Forces; group cohesion; physical challenges; gender equality.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sheila Aragão de; PERES, Helena Maria. **Mulheres a bordo: 30 anos da mulher militar na Marinha do Brasil**. Editora HM Peres e Associados, Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 12.154, de 27 de agosto de 2024** – Regula o serviço militar feminino voluntário. Atos do Poder Executivo, 2024.

BRASIL. **Lei 6.807 de 07 de julho de 1980** – Cria o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) e dá outras providências. Atos do Poder Executivo, 1980.

BRASIL. **Lei 9.519 de 26 de novembro de 1997** – Dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha. Atos do Poder Executivo, 1997.

BRASIL. **Lei 12.705 de 08 de agosto de 2012** – Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira. Atos do Poder Executivo, 2012.

BRASIL. Marinha do Brasil. Em cerimônia histórica, primeiras mulheres se formam Soldados Fuzileiros Navais no Rio de Janeiro. **Agência Marinha de Notícias**, 06 jul. 2024. Disponível em: <https://www.agencia.marinha.mil.br/carreira-naval/em-cerimonia-historica-primeiras-mulheres-se-formam-soldados-fuzileiros-navais-no>. Acesso em: jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. Primeira turma de aspirantes mulheres ingressa na mais tradicional escola militar do país. **Últimas notícias**, 07 fev. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/ultimas-noticias/defesa-primeira-turma-de-aspirantes-mulheres-ingressa-na-mais-tradicional-escola-militar-do-pais>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRESLIN, Rachel A.; DAVIS, Lisa; HYLTON, Kimberly; HILL, Ariel; KLAUBERG, William; PETUSKY, Mark; KLAHR, Ashlea. **2018 Workplace and Gender Relations of Active Duty Members: Overview Report**, Alexandria. Office of People Analytics. U.S. Department of Defense. OPA

Report. n. 2019-027, May 2019.

CARNEIRO, Lucas Anderson de Almeida. **Uso de suplementos alimentares por atletas táticos sob intenso treinamento físico**. 2023. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física do Exército, Rio de Janeiro, 2023.

CASTRO, Pollyanna Lima de. **Avaliação dos cuidados diários e higiene genital em mulheres do Curso de Formação de Oficiais de Saúde do Exército no ano de 2019**. 2019. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) - Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

CAWKILL, Paul; ROGERS, Alison; KNIGHT, Sara; SPEAR, Laura. "Women in Ground Close Combat Roles: The Experiences of Other Nations and a Review of the Academic Literature." **Defence Science and Technology Laboratory**, UK Ministry of Defence. Sep. v. 29, 2009.

CAWKILL, Paul; ROGERS, Alison; KNIGHT, Sara; SPEAR, Laura. "Women in Ground Close Combat Roles: The Experiences of Other Nations and a Review of the Academic Literature." **Defence Science and Technology Laboratory**, UK Ministry of Defence. Sep. v. 29, 2009.

ERNESTO, Ana Cláudia Cordeiro. **A influência do ciclo menstrual na rotina da mulher militar**. 2021. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) - Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2021.

FORÇA AÉREA BRASILEIRA. Base Aérea de Campo Grande (BACG). Quarto Comando Aéreo Regional. **Perguntas frequentes**. Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/bacg/index.php/perguntas-frequentes#:~:text=Mulheres%20na%20FAB>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FITRIANI, Randolf; COOPER, G S; MATTHEWS, Ron. Women in Ground Close Combat. **The RUSI Journal**, v. 161, n. 1, fev./mar. 2016, p. 14-24, 2016. DOI: 10.1080/03071847.2016.1152117.

FLECK, Steven J.; KRAEMER, Willian J. Mulheres e treinamento resistido.

Fundamentos do treinamento de força muscular. 4 ed., São Paulo: Artmed, 2006.

FORTES, Marcos de Sá Rego; MARSON, Runer Augusto; MARTINEZ, Eduardo Camillo. Comparação de desempenho físico entre homens e mulheres: revisão da literatura. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 54-69, 2015.

FRAGALA, Marren S.; KRAEMER, William J.; DENEGAR, Craig R.; MARESH, Carl M.; MASTRO, Andrea M.; VOLEK, Jeff S. Neuroendocrine-immune interactions and responses to exercise. **Sports Medicine**, v. 41, n. 8, p. 621-639, 2011. DOI: 10.2165/11590430-000000000-00000.

GIANNINI, Renata Avelar; FOLLY, Maiara; LIMA, Mariana Fonseca. Situações extraordinárias: a entrada de mulheres na linha de frente das Forças Armadas brasileiras. **Instituto Igarapé**, Artigo Estratégico 27, ago. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E CAPACITAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (IPCFOX). **Relatório de atividade do projeto de inserção do sexo feminino na linha de ensino militar bélico – Tarefa capacitação física.** Rio de Janeiro, 2016.

JACOBY, Tami Amanda. Fighting in the Feminine: The Dilemmas of Combat Women in Israel. **Gender, War, and Militarism: Feminist Perspectives**. v. 12, p. 80–90, 2010.

KAVANAGH, Jennifer; WENGER, Jennie W. Integrating Women Into the Marine Corps Infantry: Costs, Representation, and Lessons from Earlier Integration Efforts. **Defence and Peace Economics**. v. 31, n. 1, p. 4–23, 2020.

KING, Anthony C. The female combat soldier. **European Journal of International Relations**, v. 22, n. 1, p. 122–143, 2016.

MANNO, C. Female strength training: specific characteristics of gender, effect of age and types of training. **Medicina Dello Sport**, v.66, n.1, p.1-27, 2013.

MARIOTONI, Rafael Scieve. **A inserção do sexo feminino, como Oficiais da Arma de Infantaria, no Exército Brasileiro**. 2021. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares, com ênfase em Defesa). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2021.

MENDES, Dalva Maria Carvalho. Trajetória das mulheres na Marinha do Brasil. **Revista do Clube Naval**, n. 393, p. 29-30, 2020.

NIETO, Claudio. La inclusión de la mujer en las especialidades y armas de combate del Ejército de Chile. **Military Review**, Cuarto Trimestre, 2018.

OLIVEIRA, Ana Letícia Castro Salomone de. **Proposta de Protocolo de Anticoncepção de longa duração em Operações Militares**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares. Rio de Janeiro: Escola de Saúde do Exército, 2019.

OLIVEIRA, Ana Letícia Castro Salomone de. **Proposta de protocolo de anticoncepção de longa duração em Operações Militares**. 2019. 29 f. Trabalho de Conclusão (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares) - Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. New York, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Resolução 1325 (2000), de 31 de outubro de 2000**. New York, 2000.

PETERS, Andrea M; WASHINGTON, Michael A.; BURRELL, Lolita; NESS, James. Rethinking Female Urinary Devices for the US Army. **The US Army War College Quarterly: Parameters**, 52, n.1, artigo 5, p. 41-55, 2022.

QUEIROZ, Camila Pereira da Silva. **Abuso sexual contra mulheres militares: uma revisão da literatura**. 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares). Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

ROLLUQUI, Catherine Joy V.; KARON, Sittie Noor Ohara A.;

VILLAHERMOSA, Marianne Daphne B.; FRIALES, Wilter C. Withstanding the Challenges on Infantry Operational Courses: The case of Military Women in the Division Training School in Cotabato City. **East Asian Journal of Multidisciplinary Research (EAJMR)** - 1689-1708, v. 2, n. 4, 2023.

SANTOS JÚNIOR, Geraldo Luciano dos. **As mulheres combatentes no Exército Brasileiro**: adaptação inicial e novas possibilidades para o sexo feminino na linha militar bélica. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares). Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Lauciana Rodrigues dos. **Da roseta às estrelas**: um debate sobre a representação feminina na Marinha brasileira. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília – SP, 2014.

SASSON-LEVY, Orna; AMRAM-KATZ, Sarit. Gender Integration in Israeli Officer Training: Degendering and Regendering the Military. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 33, n.1, p. 105–133, 2007.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). **Ação Direta de Inconstitucionalidade 7.501** – Distrito Federal. Brasília, 13 de novembro de 2023.

STRAUSS, David; HATTIANGADI, Anita. Women in Service Restrictions: Synopsis of Completed Work and Recommended Next Steps. **CNA Analysis and Solutions**, dez. 2012.

SULLIVAN, Adrian; ABBE, Allison. Respostas ao preconceito e à discriminação de gênero em relação às oficiais mulheres. **Military Review**, primeiro trimestre, 2024.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2012.

TURPIN, Jennifer E. Many faces: women confront war. In: LORENZEN, Lois Ann; TURPIN, Jennifer E. (Org.). **The women and war reader**. Nova York: New York University Press, 1998. p. 3-18.

WENTZ , L.L.P.Y.; HAYMES, E.; ILICH, J.Z. Females have a greater incidence of stress fractures than males in both military and athletic populations: a systemic review. **Military Medicine**, v. 176, n. 4, p. 420-430, 2011.

WILLET, S. Introduction: Security Council Resolution 1325: assessing the impact on women, peace and security. **International Peacekeeping**, v. 17, n. 2, p. 142-158, abr. 2010.